

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, ESCOLHA HUMANA E POSICIONAMENTO: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Igor Andrade Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Joyce Fernandes Prates

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Carmem Virgínia Moraes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: A Orientação Profissional (OP) está ligada, mais recentemente, às concepções de identidade e liberdade. Assim, esse trabalho objetiva apresentar os dados construídos a partir de práticas de OP, relacionando-os com o conceito de escolha humana e a vivência dos sujeitos. Essa construção é oriunda do componente Orientação Profissional, integrante do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e teve como lastro orientador entrevistas com sujeitos que estavam passando por grupos de OP no Núcleo de Práticas Psicológicas (NUPPSI). Seguindo base teórica fenomenológica-existencial foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 04 sujeitos, participantes de grupos de OP do referido componente. Deste modo, os materiais construídos foram organizados em seis núcleos de significação, apresentados neste relato como: Atuais atividades e percurso até o momento; Influências; Compreensões práticas e filosóficas a respeito do trabalho; Escolha e caminhos; Sonhos; e, por fim, o processo de Orientação Profissional. A análise desses eixos conduz para apreensões sobre as experiências e relacionamentos dos sujeitos com o processo de OP, assim como de seus olhares para o trabalho. Apoiando-se nisso, o sujeito é sujeito da escolha, liberdade e do posicionamento diante das exigências sociais. Deste modo, o processo de orientação pode ser visto como um fator que contribui para um direcionamento diante da possibilidade de conhecer, comunicar e ter contato com possibilidades com profissões. Assim, ressalta-se a importância da OP como facilitadora e também de um lugar importante das entrevistas fenomenológicas proporcionando autorreflexões dentro das singularidades dos participantes.

Palavras chave: Escolha Humana. Orientação Profissional. Trabalho.

1.0 Introdução

1.1 Orientação Profissional: Condições materiais de surgimento

Diante do crescente advento da eficiência industrial da Europa do século XX, a Orientação Profissional (OP) surgiu pautada no viés de detectar, na indústria, trabalhadores inaptos para assumir certas tarefas e, assim, evitar acidentes de trabalho e garantir a produtividade (SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009). Assim, este campo de atuação surgiu, diante de um contexto socioeconômico caracterizado pela produção e pelo consumo em massa

com indústrias as quais representavam instituições dotadas de grande poder, tanto econômico quanto empregatício (LASSANCE; SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009).

Concomitantemente a isso, o surgimento, em 1907 e 1909, da *Vocational Bureau of Boston*, o primeiro Centro de Orientação Profissional norte-americano e a publicação da obra *Choosing a Vocation*, ambos sob a responsabilidade de Frank Parsons, culminou no marco legal deste campo de atuação (SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009).

No que se refere a OP no Brasil, seu marco foi a partir da criação do Serviço de Seleção e Orientação Profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, em 1924, sob a orientação do engenheiro suíço Roberto Mange e consistiu na seleção de alunos para o Curso de Mecânica Prática da referida escola (ABADE, 2005, p. 2 *apud* BUENO, 2009) e nas décadas de 1930 e 1940, este campo de atuação vinculou-se à Educação no estado de São Paulo, 1934, e uma década depois na Fundação Getúlio Vargas.

Objetivando contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, em 1947, surgiu o Instituto de Seleção e Orientação Profissional – ISOP, com a utilização de instrumentos da Psicologia Aplicada ao Trabalho e à Educação, o que se deu, a partir da adaptação e validação de instrumentos psicológicos. O ISOP apresentou-se enquanto uma porta para a criação de outros institutos e destaca-se aqui o Serviço de Orientação e Seleção Profissional – SOSOP, primeiro instituto sob responsabilidade governamental do país com objetivo de, dentro do meio escolar, prestarem vocações e estabelecerem critérios para a seleção de pessoal destinado à administração pública e organizações particulares (ABADE, 2005; SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009).

A partir de uma análise a respeito da postura da OP no Brasil durante seu início, torna perceptível seu caráter estritamente psicométrico, no qual os grandes empresários se tornaram um de seus mais fiéis defensores e os engenheiros, os pioneiros neste campo de atuação (ABADE, 2005). Devido a isso, o modelo da Teoria do Traço e Fator apresentou-se enquanto ferramenta que embasou distintas práticas na OP brasileira, na qual a busca por encontrar a pessoa certa para o emprego correto se tornou uma prática comum (SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009).

Tal cenário perdurou até a década de 1960, quando o diagnóstico e aconselhamento como instrumentos psicológicos deu espaço para o autoconhecimento, sobretudo devido a influências de Rogers nos Estados Unidos, e à focalização de aspectos inconscientes a partir de influências de Freud. Especialmente, uma forte influência que modificou este fazer, foram

as contribuições da estratégia Clínica de Bohoslavsky, introduzida no Brasil na década de 1970 por Maria Margarida de Carvalho, que partia de perspectivas não diretivas propondo intervenções grupais, enquanto norte para distintas práticas de Orientação Profissional atuais, sendo elas práticas e teóricas (SPARTA, 2003 *apud* BUENO, 2009).

1.2 Escolha humana, liberdade e posicionamento na Orientação Profissional

O processo de OP vem acompanhado de questões de escolha e identidade, gerando inquietações em jovens e adultos (EHRLICH *et al*, 2000) e Bock (2001 *apud* BUENO, 2009) aponta que nem sempre a escolha profissional apareceu como uma preocupação do homem. No entanto, tendo em vista o modo econômico, as perspectivas de globalização e do trabalho vigentes, Soares (2000, *apud* EHRLICH *et al* 2000) concebe que independente das singularidades ou aspectos que possam ser analisados, a relação homem-trabalho é posta, na escolha dos estudos, conflitos oriundos dos papéis profissionais e até sobre planejamento e/ou reorientação de carreira.

Essa relação de homem com o trabalho pode ser considerada, assim, como sendo um fenômeno humano, tendo o sujeito em situação de escolha neste contexto, trabalho e carreira (EHRLICH *et al*. 2000). Pensar em escolha relacionada nesse contexto, segundo Bohoslavsky (1998 *apud* EHRLICH *et al*. 2000), é também lastrear as discussões ao fato de que os sujeitos trabalham não só para satisfação das necessidades físicas/biológicas, mas que também existe um sentido que é essencialmente humano.

A partir dessa perspectiva de escolha e da consideração da natureza do homem, as tendências em OP que defendiam o homem como sendo passivo, com necessidade de ser encaixado no espaço social perdem, de certo modo, condição de existência e, à vista disso, intenta-se a pensar o sujeito a partir da capacidade de escolha de seu futuro (EHRLICH *et al*, 2000).

Ao pensar a Escolha Humana, Sartre (1987 *apud* EHRLICH *et al*, 2000) aponta alguns questionamentos: se existe algo que determine o sujeito a optar por determinada escolha, se estas escolhas são tendências inatas e, ainda, se os homens podem escolher sem quaisquer condições materiais, pontuando, assim, uma congruência com sua linha de pensamento, na qual a existência precede a essência, expressando que “[...] o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (SARTRE, 1987 *apud* EHRLICH, 2000, p. 73). De modo geral, essa postulação que considera que o homem existe, encontra

uma materialidade: condições materiais, sociais, históricas, econômicas e temporais. No entanto, não o determinam por completo, existindo condições de possibilidades, não uma concepção inata, ou pré-determinada (EHRLICH, 2000). Nessa mesma direção, para Sartre, segundo Ehrlich (2000), o homem é liberdade porque está em suas mãos escolher, baseado nas ações concretas. O processo de escolha, dessa maneira, não é livre da materialidade, pode ser visto como uma estrutura de escolha a qual abarca a materialidade, os outros e a temporalidade (EHRLICH, 2000). Rogers (1983 *apud* BUENO, 2009) reitera que o homem é livre, mas é concomitantemente determinado pelo meio existencial no qual está envolvido.

Tendo a Escolha Humana como base do pensamento da OP, fazem-se necessárias aproximações com a teoria escolhida nesta pesquisa, que norteia as concepções do processo de OP. Bueno (2009) apresenta que a partir da década de 1940, a Orientação Profissional passa a receber contribuições de Carl Rogers, defendendo a não-diretividade da terapia, ficando conhecida como Centrada no Cliente. Lassance e Sparta (2003 *apud* BUENO, 2009) apresentam que, nessa perspectiva teórica, o jovem é conduzido a um processo de autoconhecimento e a uma tomada consciente, de escolha, centrada nos sentimentos de satisfação daquele sujeito.

Em se tratando de liberdade, vinculado ao conceito de escolha, Viktor Frankl (1978, 1986, 1991 *apud* DRUMMOND, 2002) considera que o homem é essencialmente livre, tendo em vista que pode sempre se posicionar diante das condições já faladas neste texto. Portanto, nossos “[...] determinismos biológicos, sociais e psicológicos, nossas condições pessoais e as da situação em que nos encontramos são a ocasião para exercermos nossa liberdade”. (DRUMMOND, 2002, p. 34). A escolha, bem como a não escolha, expressa, muitas vezes por uma postura de neutralidade, é também uma forma do homem se posicionar diante das condições, expressa pela consideração que o sujeito utiliza da liberdade para renunciar ela mesma, quando assume a posição de não posicionamento (DRUMMOND, 2002). Então a concepção de Escolha Humana, aplicada à OP, pode ser brevemente entendida dentro da perspectiva fenomenológica, humanista e existencial, visto que diante de uma proposta de orientação profissional, inevitavelmente, atravessam as temáticas de ordem existencial, sobretudo a escolha, como sendo base para a vida social, entendendo a partir desta referida perspectiva.

Não obstante, dentro de uma sociedade capitalista, evidencia-se que o trabalho e o estudo para o mesmo fim, toma boa parte das preocupações e interesses de muitos indivíduos,

sobretudo diante da busca pelo reconhecimento social e moral que esta prática proporciona (DEJOURS, 2015). Sendo assim, dentre os processos aos quais a Psicologia se faz presente, a OP surge enquanto um meio facilitador, tendo como objetivo proporcionar aos sujeitos, autodescobertas e embasamento para as suas escolhas (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002).

1.3 Localizando a prática

Antes de abordar o trajeto metodológico percorrido pelo trio com a finalidade de contemplar o objetivo dessa pesquisa, vale contextualizar esse estudo. O presente relato é fruto do componente curricular optativo Orientação Profissional, que compõe o quadro do curso de Psicologia da UESB, cursada no semestre letivo de 2019.1. O trio se formou através de seus interesses em comum com relação ao processo de OP sob a luz de uma perspectiva fenomenológica-existencial.

Assim, o estudo apresentado tem como escopo compreender como esses sujeitos que passaram por processos de OP, em Vitória da Conquista - BA, vivenciam este momento de suas vidas e quais são os eixos de significado que formam as conexões de sentido da pessoa, segundo a teoria fenomenológica-existencial. Para a prática foram entrevistados quatro sujeitos que estavam em processo de OP com 2 grupos de estagiários no Núcleo de Práticas Psicológicas da UESB (NUPPSI). As entrevistas geraram as transcrições que foram analisadas para elaboração dos eixos.

2.0 Metodologia

Partindo da ideia de que cada objeto de pesquisa, cada fenômeno, impõe àquele que se propõe a investigar o fenômeno, um enfrentamento metodológico apropriado (FLICK, 2014 *apud* RANIERI; BARREIRA, 2010), para o trabalho com o material expressivo da experiência humana, optou-se pelo embasamento na pesquisa fenomenológica. Segundo AmatuZZi (1996, p. 5), a pesquisa de cunho fenomenológico busca "[...] o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método".

Sendo o objetivo desta pesquisa perceber aspectos do vivido de cada um dos indivíduos em uma perspectiva particular, apresentando significados de determinadas experiências para um sujeito ou um grupo, buscou-se fazer a análise do expresso e a análise

intencional (AMATUZZI, 1996), percebendo que "[...] o expresso é o que é efetivamente dito, e o intencional é o que se quer dizer ou a intenção de dizer" (AMATUZZI, 1996, p. 6). Embora as duas concepções de análise tenham sido utilizadas, se priorizou o intencional, ou seja, o significado do vivido manifesto através da mediação do expresso pelos signos, configurando-se assim, a análise fenomenológica (AMATUZZI, 1996).

A fenomenologia proposta por Edmund Husserl (1859-1938) é conceituada como a ciência que visa a reflexão sobre os fenômenos, sendo este aquilo que se manifesta à consciência intencional. Tal reflexão demanda do pesquisador uma atitude ou conversão fenomenológica, que consiste no posicionamento imparcial e desprovido de pré-julgamentos diante do objeto investigado. É a partir desse posicionamento diferencial que se pretende "[...] retornar-se às coisas mesmas". (HUSSERL, 2001 *apud* RANIERI; BARREIRA, 2010, p. 2). Sendo assim, esta ciência além de uma filosofia, compreende-se como um método investigativo de cunho qualitativo.

Sendo a presente pesquisa de caráter qualitativo na qual, através da linguagem, pretende-se ter acesso às subjetividades do indivíduo, foi escolhido como instrumento a entrevista fenomenológica, meio que permite essa narração do vivido (RANIERI; BARREIRA, 2010). Este instrumento pode ser organizado a partir de um nível de estruturação, tendo a possibilidade de o procedimento ser não-estruturado, estruturado ou até semiestruturado (MANZINI, 2004 *apud* RANIERI; BARREIRA, 2010).

Nesta pesquisa em especial, foi escolhido a opção semiestruturada, em virtude de sua característica norteadora e permitindo o trabalho com outras questões apresentadas durante a entrevista. Sendo assim, foi elaborado um conjunto de questões norteadoras enumeradas de 1 a 18, divididas em 3 eixos principais. As primeiras perguntas relacionadas à identificação de sujeito, o segundo eixo com perguntas relacionadas ao trabalho e à visão do entrevistado sobre este e, por fim, questões acerca do processo de orientação profissional. Assim, vale ressaltar a importância dessas questões serem organizadas de acordo com um grau de complexidade, seguindo uma ordem lógica de solicitações gerais até as específicas (RANIERI; BARREIRA, 2010).

As entrevistas foram realizadas com quatro sujeitos com idades de 15, 17, 18 e 22 anos, que estavam participando do processo de OP ofertado como prática do componente curricular OP, no curso de Psicologia da UESB, tendo sido a amostra definida por conveniência. O processo ocorreu entre outubro e novembro de 2019: o primeiro contato com

os participantes teve como pauta o esclarecimento da proposta e agendamento das entrevistas, sendo realizadas, portanto, quatro entrevistas. Cabe ressaltar que essa amostra fora construída a partir de dois grupos de estagiários que estavam realizando o processo de OP utilizando-se do espaço físico do NUPPSI, sendo as entrevistas aqui apresentadas feitas tanto no espaço do NUPPSI quanto no campus da UESB.

No que tange a entrevista fenomenológica, o pesquisador/entrevistador tem papel fundamental na condução do processo, sendo importante que venha por parte dele um posicionamento atendo aos relatos e questionador, a fim de que sejam esclarecidos todos os pontos possíveis (DALE, 1996 *apud* RANIERI; BARREIRA, 2010). Com o consentimento dos participantes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Segundo Ranieri e Barreira (2010, p. 4), esses recursos são importantes pois:

[...] têm como objetivo fundamental a leitura dos relatos no momento da análise, permitindo ao pesquisador, num primeiro momento, a leitura atenta sobre o conteúdo e, posteriormente, já durante a análise, tentar apreender e descrever como se manifesta o objeto investigado.

A análise dos sentidos presentes nas falas dos entrevistados foi feita através da elaboração de núcleos de significação. Dessa forma, por conseguinte às transcrições, realizou-se a leitura flutuante das mesmas, objetivando *a priori* perceber pré-indicadores que são "[...] trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem" (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 309). Após estruturar esses pré-indicadores, foram feitos seus agrupamentos, tendo como critério à similaridade entre eles e dando origem aos indicadores.

De acordo com Aguiar e Ozella, "[...] os indicadores são fundamentais para que identifiquemos os conteúdos e sua mútua articulação, de modo a revelarem e objetivarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito". (2013, p. 310). A partir da aglutinação dos pré-indicadores em indicadores, foram construídos seis núcleos de significação, construídos de modo a sintetizar os vividos que constituem os sujeitos e foram através desses eixos que se realizaram as análises dos sentidos (AGUIAR; OZELLA, 2013).

Sendo assim, por meio da utilização desses instrumentos foi constituído o percurso metodológico desta pesquisa. Embora tenha como finalidade a compreensão dos sentidos expressos pelos participantes acerca das escolhas, sobretudo relacionadas à profissão, entende-se que não significa o objetivo em uma resposta única, mas diferentes expressões,

com contradições, mas que apresentem indicadores sobre as formas de ser e os processos do sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 307).

3.0 Resultados e Discussões

A fim de possibilitar uma melhor apresentação dos dados obtidos a partir da entrevista semiestruturada, os eixos de significado foram dispostos em seis grupos, sendo eles: Atuais atividades e percurso até o momento; Influências; Compreensões práticas e filosóficas a respeito do trabalho; Escolha e caminhos; Sonhos; e por fim, o processo de Orientação Profissional. Os quatro participantes da presente pesquisa receberam pseudônimos (X, Y, Z e W), que serão apresentados discorrendo sobre cada eixo.

3.1 Atuais atividades e percurso até o momento

No que se refere ao primeiro eixo, X encontra-se no primeiro ano do ensino médio enquanto Y cursa o nono ano do ensino fundamental e alega que está na expectativa de “onde vai (estudar) no ensino médio”. Y opta por distintos colégios, entretanto, encontra-se inclinada a escolher o que algumas de suas amigas estudam. Neste contexto, salienta-se que a entrevistada Y alegou não sentir influenciada por seus pais a respeito de que profissão seguirá: “Não, eu acho que não. Não. Lá em casa a minha mãe sempre foi muito perto de ‘faz o que você gosta’ e tal. Nunca teve nada disso. Porque tem gente que é, né? Tipo ‘você tem que fazer tal área’”.

Entretanto, no que se refere ao colégio em que estudará, Y pauta sua tendência em relações afetivas. X, por sua vez, afirma que suas pretensões futuras se pautam em influências externas, destacando-se o seu ambiente escolar e até mesmo o processo de Orientação Profissional em que este se faz presente.

X: Porque em odontologia eu tenho bastante influência na escola. E tipo, eu via que todo mundo queria fazer medicina. É, lá na minha escola pouca gente quer fazer odontologia, que eu conheço, só tem uma pessoa e aí eu achei interessante e eu senti influenciado por ver que tem muita pessoa querendo fazer coisa na área da saúde, e eu acho interessante, sabe? E psicologia, como eu falei, foi por causa de que elas acharam (as estagiárias que, elas gostam bastante de psicologia).

Em se tratando de Z, as atividades que desempenha atualmente estão relacionadas com o curso técnico de segurança do trabalho em uma instituição de Ensino Superior de Vitória da Conquista. O percurso de Z apresenta-se de maneira diversa, em várias áreas do conhecimento

– de acordo com ele isso é interessante, por ter acesso a diferentes conhecimentos e enriquecer para os seus objetivos. Nesta linha, Z começou o curso de Pedagogia, mas interrompeu por conta do trabalho. Segundo Z, a melhor decisão foi optar pelo trabalho, que na época da decisão era auxiliar administrativo, lidava com questões práticas de escritório, possibilitando outras experiências.

No que se refere ao seu percurso, W relata ter concluído o ensino médio em 2018 e que está no primeiro ano do curso pré-vestibular atualmente. Ao ser questionada sobre como se deu essa transição, W relata estranheza com relação à nova configuração de sala de aula, entretanto, conta que após a adaptação, reconhece ganhos na experiência

W: [...] de início eu achei meio assustador essa ideia de cursinho, uma sala que tinha muita gente, porque meu terceiro ano a sala era pequenininha, aí foi meio que um choque assim, mas aí eu gostei da experiência, deu pra aprender bastante e ver as possíveis profissões que eu poderia exercer.

3.2 Influências

Z aponta diversas influências das pessoas em sua trajetória e processo de escolha: amigos, família, colegas e pessoas com quem trabalhou, e lida com essas influências, apesar de algumas representarem, para o mesmo, uma pressão configurada como a necessidade de escolha. Optou por começar o curso de Pedagogia por alguns fatores, incluindo ser em uma instituição pública, no entanto, a influência de um familiar foi decisiva, este familiar já exerce a profissão de pedagogo. Ainda sobre família, Z considera que a parte da mãe e do pai representam influências contrárias com relação à área do saber, enquanto que a parte da família materna inclina mais preferência pelas ciências da saúde, por motivos que incluem, consoante ao entrevistado, posição de *status* e aspectos econômicos de estabilidade, a parte do pai é mais diversa apresentando Engenharia e Pedagogia. Ressalta-se que para Z o curso superior é essencial, desta forma considera essas influências sempre atreladas a escolha de cursos e áreas ligadas a isto. Z ainda considera os grupos de amigos, como exercendo uma forte influência sobre suas escolhas, apresentando seu interesse pela Biotecnologia e caminhos ligados ao agronegócio como diz:

[...] Quando eu conheci eles, e tava saindo da Uesb, de um curso de uma área totalmente distinta, mas se adequa algumas, da parte da saúde, a psicopedagogia também. Essa parte da saúde educacional. Aí trocando ideia com o pessoal, ajudou a qual caminho seguir, se iria ser de minha escolha.

A possibilidade de “trocas de ideia” como Z concebe, contribui tanto para seu processo de escolha de modo geral, mas também ajuda a compreender melhor alguns pontos

específicos de cada profissão, além disso, usa essa perspectiva como crescimento para compreensão política, social, em função das discussões que faz com esse grupo. Assim como Z, W também reconhece que há influências de terceiros no seu processo de escolha profissional, seja por parte da família, de amigos ou vindas de conhecidos não tão próximos. Ao longo da entrevista, menciona que inicialmente tinha muita dúvida com no que se refere à escolha profissional, pois o fato de parte majoritária de sua família atuar na área da saúde, fazia com que se sentisse pressionada por terceiros a seguir os mesmos passos, “ela me falou “ah, faz na área da saúde porque sua família também fez e *tals*”. Aí eu pensei, eu vou fazer isso mesmo por causa da família ou por causa de mim?” - comenta W sobre conversa que participou.

Embora relate que perceba essas influências, W descreve que, no seu núcleo familiar, sua decisão de não seguir esse caminho foi muito bem aceito e conta que seus pais a incentivam a escolher o curso de sua preferência. Assim, W indica que aprendeu a lidar com essas influências e priorizar o seu querer, “eu ignorei essas influências e eu pensei mais o que seria bom pra mim, se eu gostaria de fazer”.

3.3 Compreensões práticas e filosóficas a respeito do trabalho

A respeito do que pensam a respeito do trabalho, X afirma que trabalho, para ele, é onde o indivíduo põe em prática uma habilidade que possui, sem necessariamente ganhar dinheiro com isso. Desta forma, inclusive, tal conceito distancia-se de profissão, uma vez que este, por sua vez, seria uma área em que o sujeito se profissionaliza, ou seja, dedica-se a fim de exercer e receber alguma remuneração por isso. Sobre este mesmo prisma, Y apresenta o trabalho enquanto alternativa para que seja possível se sustentar, demarcando o papel do retorno neste contexto. Destarte, tanto X quanto Y, destacaram que nem sempre o trabalho relaciona-se com prazer. A segunda, inclusive, pondera que a questão se aproxima mais da necessidade do que realmente gosto pessoal. Entretanto, ambos salientaram a gratificação de encontrar prazer no que se trabalha.

A visão de trabalho no sentido filosófico e prático para Z está ligado, sobretudo, com a consideração de utilidade e capacidade do sujeito, de modo que ao mesmo tempo que o trabalho é o meio pelo qual se provem condições materiais, é também uma forma de ser valorizado, de acordo com ele é “[...] uma forma de você valorizar o seu ser no mundo de hoje, porque a pessoa sem trabalho, não consegue se manter”. Z vê uma cobrança da sociedade e indiretamente da família, aquela, segundo ele, tem uma visão que o trabalho e o

curso de ensino superior, colocam o sujeito numa posição de respeito. Já a cobrança indireta se relaciona com a vontade de Z ser uma referência, o primeiro da família materna a ter ensino superior.

As concepções de W acerca do trabalho estão vinculadas, sobretudo, ao ganho monetário, ou seja, associa o trabalho diretamente ao ganho de capital e conseqüentemente a melhores condições de sobrevivência. De acordo com ela, quando pensa em trabalho vem à mente que ele é “algo necessário. É, ainda mais para o sustento da casa, *pra* ajudar a família. Mais ou menos isso”. Além disso, podemos perceber no discurso de W que ela considera também o trabalho como possibilidade de proporcionar novas experiências ao sujeito, ampliando sua visão sobre o mundo.

3.4 Escolha e caminhos

Diante do processo de escolha, X expôs que possui dúvidas a respeito de que área seguir. Alega desejar cursar Odontologia ou Psicologia, apesar de possuir uma tendência ao primeiro. Entretanto, salienta que o processo de escolha possui outras faces, além de explicar que a não escolha também é uma escolha.

X: Se eu não quiser fazer um dos dois [odontologia ou psicologia], eu faço uma escolha também. Por causa de que eu vou estar escolhendo não escolher, e aí, tipo, é... Escolha pra mim é bastante coisa. Tipo, pode ser o escolher entre duas, ou pode ser não escolher que também é uma escolha. Acho que é basicamente isso.

Ao seu modo, Y alegou também ter dois cursos em mente, Medicina e Direito, apesar de alegar ter mais apressado à primeira.

Y: Eu sempre quis fazer algo, sempre quis medicina. Eu sempre mudei diversas vezes entre a medicina, mas atualmente eu quero fazer medicina cirúrgica. Eu gosto bastante da área de cirurgia, é... Cardiorrástica e neurocirurgia. Entretanto, eu também gostaria, eu acho interessante a área do direito, de leis. Eu gosto bastante, aí eu tenho vontade de ser juíza. [...]. Então eu fico entre as duas, porém eu gosto um pouco mais de medicina [...]. Eu gosto muito da área do corpo humano, acho muito interessante, a fisiologia, fico muito encantada com tudo. E eu estudo ao (inaudível) mesmo sem ter necessidade. E eu acho que me identifico mais até.

Para Z, no que diz respeito a escolhas e caminhos que podem conduzi-lo à realização dos seus sonhos, escolher é algo que exige reflexão com cautela, por conta de cada escolha levar a caminhos distintos, que segundo Z, podem ser bons ou ruins. Z diz que a escolha em estar na área saúde/biológica é justamente pelo mercado de trabalho, considera que este

campo tem mais facilidade em conseguir emprego. Para colher os frutos que deseja Z diz que se dedica buscando aperfeiçoar seus conhecimentos para realização futura. Além disso, fala sobre a dificuldade em escolher alguma área e o receio de desagradar a parte da família, e vê como um caminho para o qual suas escolhas o levarão, como “[...]começar a cursar, durante o curso adquirir conhecimento, conseguir formar, depois fazer algumas especializações, atuar na área... E me sentiria satisfeito atuando na área, desenvolvendo novas tecnologias, genéticas para animais”.

No que tange a escolha da sua profissão, W relata estar em dúvida entre dois cursos, mas enfatiza que apesar da indecisão, sabe o que ela não quer. É perceptível na fala de W que no seu processo de escolha pondera acerca de características da sua personalidade e qual profissão ela se adaptaria melhor. “Um dos motivos por eu ter a psicologia como opção é que eu gosto muito de escutar, de ajudar as pessoas, eu sempre me coloco no lugar da pessoa, tanto que eu sinto o que ela tá sentindo” diz W. Quando questionada sobre a possibilidade de começar o curso e se ver insatisfeita, W relata que pensa nisso como algo possível, entretanto, menciona ser tranquilizada pelos pais, que a incentivam “trocar de curso, tentar outro, trancar a faculdade, mas que não era motivo pra eu ficar triste, pra ‘mim’ tentar de novo”. “E ela fala que eu sou muito nova, que eu posso tentar outro curso” acrescenta W.

3.5 Sonhos

No que concerne seus sonhos, X reitera que apesar de suas dúvidas, quando pensa em seu futuro, se imagina como um dentista, casado e com filhos e vivendo no bairro em que vive hoje por gostar muito dali. Ao ser indagado a respeito das dificuldades que vê no trabalho em que pensa em seguir, reitera que não conhece nenhuma clínica odontológica onde vive, desta forma, deslocar-se de sua casa para o seu trabalho pode ser um problema. Além disso, tem em mente que poderá ter uma rotina de trabalhos intensos, e com isso, não ter muito tempo para a sua família. Y, por sua vez, apresentou que deseja mudar-se para outro país, dentre estes, destacou a Alemanha e o Canadá, devido a qualidade de ensino de tais locais e seu clima. Acredita que ali poderia ter uma formação adequada para exercer a profissão que mais almeja. Caso não consiga ir para tais países, deseja mudar-se para uma cidade grande, uma vez que considera que pode usufruir das distintas oportunidades que uma cidade grande pode possibilitar, seja no âmbito profissional, quanto pessoal.

De modo geral, Z se vê cursando alguns cursos – até mesmo de áreas diferentes, mas independente da profissão, deseja construir uma carreira que possa dar estabilidade, realização

e recursos financeiros, possibilitando um retorno para os pais e a realização pessoal. Dentro dos objetivos e sonhos, Z aponta que deseja muito ser referência, sobretudo para os irmãos mais novos e vê sua trajetória como uma forma de realização futura “[...] É formar, desejar, aquele sonho que nasceu ali no final do ensino médio, cursinho, ENEM, vestibular, ver seu nome na lista de aprovação, ter aquele percurso acadêmico de estudar, 8-10 semestres e depois vem a formatura. Então eu fico feliz pensando nisso”.

Ao ser perguntado onde, como e quem, gostaria de estar e ser daqui a 25 anos, Z aponta que pensa em estar estável, com uma profissão que ele possa dar o seu melhor, tendo um patrimônio, e vê possibilidade disso, buscando o ensino superior e conhecimento, como sendo um profissional que entenda de vários assuntos, independente de ser da área da qual faz parte. Z percebe que este caminho é também uma forma de reconhecer o empenho dos pais, apontando que tudo o que conseguiu foi por conta do esforço do pai – que não concluiu o fundamental II, e da mãe – que concluiu o ensino médio.

Assim como os demais entrevistados, W tem sua perspectiva de futuro fundamentada nos três pilares: casa, família, trabalho, “[...] me vejo trabalhando, com uma família, uma casa, não uma casa boa, boa, boa, mas uma casa que dê pra morar, porque eu não penso assim ah eu vou ser rica e isso e isso, eu penso de ter boas condições pra morar e viver”. De acordo com W, almeja ter estabilidade financeira e ter como profissão algo que goste, ajudando as pessoas e assim alcançando satisfação pessoal. No entanto, relata não acreditar que é possível alcançar um estado de felicidade e realização completa, para ela “[...] sempre vai ter aqueles momentos em que a gente vai se sentir meio vazio”.

3.6 O processo de Orientação Profissional

A respeito do eixo O processo de orientação profissional, tanto X quanto Y apresentaram que pensavam que tal processo seria dado de forma completamente diferente, portanto, acabaram se surpreendendo positivamente. Além disso, ambos reiteraram o quanto está sendo gratificante para seus processos pessoais de autoconhecimento passar por uma orientação profissional.

X: Pra mim ia ser, ia ser uma palestra, sabe? Pra mim ia ser como se fosse uma palestra. Mas é totalmente diferente, ela tá trabalhando com a gente umas dinâmicas de um jeito que, não fica um negócio muito, é... Um negócio muito robótica [...] Tô achando interessante. Gostando bastante. Tem muita coisa que eu tô vendo e eu pensava outra coisa mas comecei a ver de outra forma, sabe?

Y: Eu achei porque a, a psicóloga da escola tinha explicado, mas bem por cima. Então eu achei que a gente faria tipo aqueles testes da internet [...] Eu achei que seria tipo isso mas quando eu cheguei aqui eu vi que não era. E é bem melhor. Então foi uma surpresa positiva. Cê tem um campo maior, cê tem uma interação maior assim. O campo das ideias abrem. Então foi uma surpresa bem boa. [...] Ta sendo ótimo, é... Tô achando interessante porque tinha coisas que eu não tinha parado pra pensar. Por exemplo, elas perguntaram a diferença entre trabalho, profissão e carreira e o que a gente achava e explicou o conceito e tals. Então, são coisas que eu nunca tinha parado pra pensar tipo, especificamente. Pra mim era uma coisa só. Aí vi que tem diferenças assim, e que até não escolher é uma escolha e que, por exemplo, a gente pode mudar de área de vezes na vida e que não tem problema, não é errado.

No que tange ao processo de OP, Z declara que vem auxiliando muito para escolher, diz do grau proveitoso e que reduz as possibilidades de ingressar em um curso sem saber sobre o mesmo. Fica claro que Z não considera que a OP dará uma resposta, mas que o ajudará a encontrar algumas possibilidades, diante de suas condições de desejos, apesar de já ter passado por algumas experiências sobre o mundo do trabalho, vê esta oportunidade como um espaço e momento para discussão, auxiliando o processo de escolha.

Também referente ao processo, em seu discurso, W menciona ser a primeira vez que tem uma experiência como esta, porém, relata já ter feito alguns testes de *internet* e conta sobre um teste vocacional proposto em sala de aula por um professor. Quando perguntada acerca destas experiências, W diz “[...] deu uma coisa mais doida que a outra. Deu escritor, deu física, deu poeta, deu um tanto de coisa assim, áreas diferentes num teste só”. Por conseguinte, a estudante menciona ganhos obtidos através dos encontros no grupo, para além da aquisição de novos conhecimentos relacionados às possibilidades de atuação, W diz ter tido benefícios também no curso pré-vestibular:

[...] está me ajudando mais a falar, porque eu sou muito fechada, e não tenho esse costume de falar com pessoas desconhecidas, falar mesmo e isso me ajudou a falar mais, me soltar mais, tanto que no eu vi esse efeito no próprio cursinho, que eu comecei falar mais com as outras pessoas e me ajudou nessa experiência assim.

4.0 Considerações Finais

Orientação Profissional e Escolha humana são, portanto, de acordo com a apresentação, indissociáveis, ao tratar de temas como liberdade de posicionamento, determinismos e a constante possibilidade de se posicionar diante de algo. Ao escolher uma profissão, o sujeito considerado como o sujeito de escolhas (*apud* EHRLICH *et al.* 2000), não

está, por assim dizer, totalmente independente das condições materiais. Tempo, pessoas e sociedade influenciam e oferecem as estruturas de escolhas, o que indica as ponderações do existencialismo neste sentido. Outrossim, o sujeito está a todo tempo se posicionando diante de algo, incluindo quando escolhe não se posicionar, por ao fazê-lo lança mão de sua liberdade de escolha e posicionamento (DRUMMOND, 2002).

Foi possível perceber, nesse sentido, através das entrevistas, o processo de escolha e posicionamento frente à OP, vista como algo que contribui para a estrutura de escolha, possibilitando conhecer, entender e ter contato com profissões e possibilidades de trabalho. Os participantes das entrevistas expressam uma relação complexa de escolha, ao ponderar várias influências, oriundas da família, amigos, e a sociedade de forma geral. Considera-se, portanto, a importância da OP, por facilitar alguns aspectos da escolha.

Ademais, pontua-se a importância da contribuição das entrevistas fenomenológicas aplicadas ao contexto de OP, visto que por ser um processo individual, pode produzir autorreflexões importantes nas escolhas. Esses resultados puderam ser percebidos tanto nos *feedbacks* nas próprias entrevistas, como na socialização desses encontros individuais com os grupos que realizavam a OP de maneira concomitante. Sendo assim, a OP auxilia o caminhar dos sujeitos que desejam, com suas singularidades, o mundo do trabalho e a entrevista fenomenológica pode se caracterizar como importante recurso a ser lançado tanto para uma visão do aproveitamento individual, quanto para contribuir no contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: 2013. v. 94. n. 236. p. 299-322.

AMATUZZI, M. M. **Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica**. Estudos de psicologia. Campinas: 1996, vol. 13. n. 1. p. 5-10.

ANDRADE, J. M. de; MEIRA, G. R. de J. M; VANCONCELOS, Z. B. de. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicol. Cienc. Prof**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 1-8, 2002. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000300008. Acesso em: 02 nov 2019.

BUENO, C. da C. O. **Grupo de Orientação Profissional para Jovens: uma proposta fenomenológica.** 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, PUC, Campinas.

DEJOURS, C. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. **Revista CULT**, São Paulo, v. 139, n. 12, p. 49-53, 2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/reencantar-o-trabalho/>>. Acesso em: 02 nov 2019.

DRUMMOND, D. M. **Liberdade e realização da pessoa em uma sociedade tradicional:** um estudo fenomenológico. 2002. 226 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFMG, Belo Horizonte.

EHRlich, I. F., CASTRO, F. & SOARES, D. H. P. Orientação profissional: liberdade e determinantes da escolha profissional. **Revista de Ciências Humanas**. 28, 61-79. 2000.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior

Graduando em Psicologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Núcleo de Pesquisas e Estudo em Psicologia, linha Avaliação Psicológica, Formação em Psicologia, Sociedade e Saúde. Email: epsljr@gmail.com

Igor Andrade Santos

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; E-mail: igor.andrade.santos1996@gmail.com

Joyce Fernandes Prates

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; E-mail: joyprates1@gmail.com

Carmem Virgínia Moraes da Silva

Pós-Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto); Professora Adjunta na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Brasil; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde (UFBA/IMS); Líder do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia da UESB (NUPEP-UESB); E-mail: carmem.virginia@uesb.edu.br

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A entrevista Fenomenológica. *In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 4., 2010, SP. Anais. SP: 2010. p. 1-8.